

# ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE F<sub>0</sub> NOS GRUPOS TONAIS DE ÂNCORAS DA REDE GLOBO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA COM ÂNCORAS DA REDE RECORD E DO SBT

ANÁLISIS DE LA VARIACIÓN F<sub>0</sub> EN LOS GRUPOS TONAL DE LA REDE GLOBO: UN  
ANÁLISIS COMPARATIVO CON PRESENTADORES LA REDE RECORD Y EL SBT

ANALYSIS OF F<sub>0</sub> VARIATION IN TONAL ANCHOR GROUPS OF THE REDE GLOBO: A  
COMPARATIVE ANALYSIS WITH ANCHORS OF THE REDE RECORD AND SBT

Maria Imaculada Pereira Azeredo\*

Vera Pacheco\*\*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo verificar a variação da curva melódica dos âncoras do Jornal Nacional a partir da comparação com a fala de âncoras do SBT Brasil e Jornal da Record. Para isso, selecionamos vídeos dos telejornais, extraímos os áudios e, de oitiva, selecionamos os Grupos Tonais (GTs) de cada âncora. No Praat, analisamos a frequência fundamental relativa de cada GT extraída no início, no meio e no final do GT. Após extrair a F<sub>0</sub> relativa, aplicamos o teste Anova de Kruskal-Wallis a fim de verificar se os âncoras possuem curvas de F<sub>0</sub> específicas. Os resultados preliminares nos apontam que os âncoras do Jornal Nacional quase sempre iniciam sua fala subindo a F<sub>0</sub> no início do GT e descendo ao final. Em contrapartida, não há um padrão na fala dos jornalistas do Jornal SBT Brasil e Jornal da Record.

PALAVRAS-CHAVE: Padrão prosódico. Telejornalismo. Âncoras. Jornal Nacional.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo verificar la variación de la curva melódica de los presentadores de lo Jornal Nacional a partir de la comparación con el discurso de los presentadores de SBT Brasil y Jornal da Record. Para esto, seleccionamos

---

\* Graduada em Comunicação Social, Jornalismo, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Mestre em Linguística pela mesma universidade. E-mail: [azeredomary@gmail.com](mailto:azeredomary@gmail.com).

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: [vera.pacheco@gmail.com](mailto:vera.pacheco@gmail.com).

videos de los noticieros, extrajimos los audios y, luego de escucharlos, seleccionamos los Grupos Tonaes (GTs) de cada presentador. En Praat, analizamos la frecuencia fundamental relativa de cada GT extraído al principio, en el medio y al final del GT. Después de extraer el  $F_0$  relativo, aplicamos la prueba de Kruskal-Wallis Anova para verificar si los periodistas tienen curvas  $F_0$  específicas. Los resultados preliminares muestran que los presentadores de *Jornal Nacional* casi siempre comienzan su discurso subiendo a  $F_0$  al comienzo del GT y bajando al final. Por otro lado, no hay patrón en el discurso de los periodistas de *Jornal SBT Brasil* y *Jornal da Record*.

PALABRAS CLAVE: Patrón prosódico. Periodismo televisivo. Presentadores. *Jornal Nacional*.

ABSTRACT: The present study aims to verify the variation of the melodic curve of the anchors of *Jornal Nacional* from a comparison with the speech of anchors of *SBT Brasil* and *Jornal da Record*. For this, we selected videos from the news, extracted the audios and, at the same time, we selected the Tonal Groups (GTs) of each anchor. In Praat, we analyze the relative fundamental frequency of each GT extracted at the beginning, in the middle and at the end of the GT. After extracting the relative  $F_0$ , we applied the Kruskal-Wallis Anova test in order to verify whether the anchors had specific  $F_0$  curves. The preliminary results show that the anchors of *Jornal Nacional* almost always start their speech by going up to  $F_0$  at the beginning of the GT and going down at the end. On the other hand, there is no pattern in the speech of journalists from *Jornal SBT Brasil* and *Jornal da Record*.

KEYWORDS: Prosodic pattern. Telejournalism. Anchors. *Jornal Nacional*.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos na qualidade de um telejornal, o mais comum é pensarmos na qualidade técnica de imagem e de som, além da produção textual. No entanto, há uma característica que contribui para a nossa atenção, compreensão e aceitação do fato e que não é comum de ser observada por nós: a fala do telejornalista.

A fala no telejornalismo é de uma importância ímpar. É ela que, associada à qualidade técnica e de produção, vai garantir uma boa aceitação, ou não, de uma reportagem, bem como possibilitar o reconhecimento de uma emissora. Azeredo, Pacheco e Oliveira (2017, p. 497) afirmam que “[...] a forma como os jornalistas falam, as ênfases dadas em determinados pontos, colaboram para frisar uma determinada informação e esta informação é a que fica marcada nas pessoas”.

Reiniger (2004), ex-diretora do canal Globo News, num relato sobre a história da fonoaudiologia no telejornalismo, explica que, no início da década de 1970, a Globo sentiu necessidade de mudar o modo de se falar na televisão, então passou a investir em profissionais que trabalhassem com a voz de seus jornalistas com o intuito de assegurar uma maior qualidade vocal e, em certa medida, construir um “padrão vocal” que contribuiria com a construção do “Padrão Globo de Qualidade”, que, de acordo com Mattos (2010), começou a ser implantado em 1970.

Ao fazermos uma retrospectiva da história do telejornalismo brasileiro, lembraremos que a narração feita pelos apresentadores dos telejornais, inspirada no rádio e no jornal impresso, utilizava um tom de voz impostado e duro (REINIGER, 2004). Percebendo a necessidade de mudar o jeito de fazer telejornalismo, a Rede Globo investiu em fonoaudiólogos para ajudar seus repórteres e apresentadores a “naturalizar” a fala e sair do modo engessado que se tinha antes, além de “suavizar” os sotaques regionais para que estes não sobressaíssem às notícias (REINIGER, 2004) e não interferissem na compreensão de quem escuta (BONORA, 2004).

Assim, com o propósito de se fazer reconhecer e obter a confiança do público, a Rede Globo, ao longo dos anos, institucionalizou “[...] elevados padrões éticos artísticos, estéticos, jornalísticos e técnicos, em tudo que o que ela exibir” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009, p. 9). Todo esse cuidado (tanto no sentido técnico, de aparelhagem, tecnologia, quanto no sentido visual, figurino, maquiagem, modo de se portar diante da câmera, modo de falar...) construiu e tornou a Globo a emissora aberta mais vista pelos brasileiros de acordo com as pesquisas realizadas pela empresa Meta Pesquisa de Opinião, em 2010.

Diante do exposto, levantamos a seguinte questão: existem semelhanças na variação da curva de  $F_0$  na fala dos âncoras da Rede Globo que os diferencie dos âncoras de outras emissoras? Nossa hipótese é a de que os âncoras da Rede Globo possuem variação na curva de  $F_0$  semelhante, enquanto os âncoras de outras emissoras não possuem um padrão entre eles.

Com essa hipótese e observando a natureza deste trabalho, pretendemos fazer um recorte e verificar a variação da curva de  $F_0$  da fala dos âncoras do Jornal Nacional (em canal aberto), a partir da comparação com a curva de  $F_0$  da fala de âncoras de telejornais de outras emissoras, a saber, SBT e Rede Record, que concorrem pelo segundo lugar da audiência no canal aberto de televisão, de acordo com as pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

Nas próximas seções, descreveremos mais detalhadamente sobre como é a fala dos telejornalistas e como ela é um importante instrumento tanto na apresentação de uma notícia quanto na interpretação de quem a assiste.

## 2 A FALA DOS TELEJORNALISTAS

Ao apresentar um telejornal, o telejornalista pode fazer de sua própria fala uma aliada para uma boa apresentação da matéria. Se observamos a história do telejornalismo, podemos notar mudanças na forma de o telejornalista noticiar uma matéria tendo em vista a maior aproximação com o telespectador. No primeiro momento do jornalismo na televisão, no início da década de 1950, a narração era pautada pela leitura em voz alta e as pausas eram feitas seguindo os sinais de pontuação, mas, desde aquele primeiro momento, o jornalista já buscava ganhar a atenção do telespectador a fim de convencê-lo de que a notícia era verdadeira, importante e digna de sua atenção. Esse maior profissionalismo era representado através da narração num tom sério de leitura, com alto grau de formalidade. No entanto, essa formalidade na leitura dificultava a retenção das informações na memória dos telespectadores (COTES, 2008).

Com o passar do tempo, com a “modernização” e popularização dos *mass media*, os jornalistas foram gradualmente abandonando o estilo formal e começaram a utilizar um tom mais coloquial. As frases passaram a ser mais curtas e as palavras mais simples. Cotes (2008) explica que essa informalidade no falar e a nova forma de escrita representou uma grande mudança no telejornalismo.

Minchillo e Cabral (1989 *apud* COTES, 2008, p. 53) explicam que “[...] o papel da narração não é apenas informar sobre os acontecimentos, mas mostrá-los de modo a prender nosso interesse”. Compreendendo essa máxima, o jornalista deixou de puramente ler a notícia e passou a interpretar, estilizar e emular uma conversa com quem está em casa.

Essa nova forma de “falar” na televisão foi repensada com o intuito de facilitar a compreensão de quem está assistindo ao programa. Como Paternostro (1999) explica, não dá pra rebobinar a cena para ouvir de novo o que foi dito. Então é preciso que o telejornalista seja claro e objetivo ao narrar a notícia. Para tanto, é preciso escolher bem as palavras que utilizará no texto, bem como, decidir como será a narração da notícia: quais informações devem ser destacadas e quais podem ser atenuadas, em que momento poderá pausar para respirar, quando utilizar uma pausa como um método para criar expectativa, quando e qual informação enfatizar, qual o melhor ritmo para se narrar etc.

Cunha (1990, p. 52) explica que “[...] o comunicador, ao proferir sílabas ou palavras, dependendo da pronúncia mais ou menos enfatizada, faz com que a mensagem chegue perfeita ao telespectador”. Da mesma forma, o autor (1990, p. 52) discute que o mal uso da ênfase “[...] desvaloriza uma mensagem e até possibilita o seu mal entendimento, formulando outro sentido ou até mesmo modificando-o”. Ainda de acordo com Cunha (1990), em uma conversa informal, emitimos cerca de 150 a 185 palavras por minuto, sendo esse o número ideal para os telejornalistas. Menos que isso, demonstra uma “[...] característica lenta para a emissão de um noticiário” (CUNHA, 1990, p. 53).

Compreendendo a importância do texto e, mais que isso, a importância da fala, os diretores de telejornalismo da Rede Globo ainda na década de 1970 recomendavam que os editores lessem o texto ao mesmo tempo que o redigiam para que eles sentissem o “[...] ritmo e a sonoridade da frase. Era preciso saber se soava bem na boca do locutor e se seria agradável ao ouvido do telespectador.”

(MEMÓRIA GLOBO, 2004). Começou, então, uma “nova era” no telejornalismo: o texto escrito para ser falado e não mais simplesmente lido.

## 2.1 FALA LIDA E ESCRITA FALADA NOS TELEJORNALIS

A fala do jornalista é o meio de aproximação com o telespectador e, como vimos no tópico anterior, ela deve buscar ser o mais natural possível. Para alcançar essa naturalidade, o telejornalismo conjuga, obrigatoriamente fala e escrita, duas categorias diferentes da língua (COTES, 2008), como complemento uma da outra, com o propósito de passar uma mensagem. O jornalista usa da escrita para organizar toda informação que quer transmitir e utiliza a fala para narrar a notícia escrita.

Reis (2000) defende que o telejornalista converte o texto escrito em oral para que haja a ilusão de diálogo, além de utilizar todos os parâmetros prosódicos, de acordo com sua interpretação pessoal, e a ênfase para chamar a atenção dos ouvintes para uma determinada palavra ou expressão. Já para Constantini (2012, p. 2), o estilo de fala do telejornalista<sup>1</sup> “[...] combina traços de leitura oral e fala espontânea, pois normalmente o telejornalista [...] conta com o apoio visual da leitura, mas busca uma produção com características de fala espontânea”.

De um lado temos a mudança do texto escrito para um texto falado e, de outro, temos a combinação entre esses dois textos. Apesar de suas diferenças, as duas ideias concordam que o jornalista utiliza a leitura e a converte em fala tentando ao máximo soar como diálogo.

Nesse sentido, o que tem acontecido nos telejornais brasileiros ao longo dos anos é a transformação da escrita e leitura pura e simples das informações em diálogos com os telespectadores. O jornalista, hoje, tem a possibilidade de comentar, opinar, brincar com os colegas de bancada e conversar com quem assiste como se estivesse na sala de sua casa. Essa transformação está cada vez mais visível dentro dos telejornais e, dentre os canais abertos, a Rede Globo de Televisão tem investido cada vez mais nesse processo de “naturalização” da apresentação.

Bastos e Gonzales (1988 *apud* COTES, 2008, p. 36) defendem que “[...] um texto de televisão não é para ser lido. É para ser ouvido e por isso, precisa ser agradável aos ouvidos”. Os autores complementam que “[...] o texto de TV tem um estilo: seu conteúdo tem que ser escrito para ser falado”.

Então, quando escrevemos para um telejornal, precisamos lembrar que aquilo que está sendo escrito será dito e por isso, é importante “[...] pensar em voz alta antes de escrever” (YORKE, 1998, p. 62). Assim, “[...] quanto menos natural soar, maior a probabilidade de estar errado.” (YORKE, 1998, p. 62).

Os editores dos telejornais da Rede Globo, desde o início da produção do Jornal Nacional, preocuparam-se com essa questão de escrita e fala de modo que Armando Nogueira<sup>2</sup> (diretor geral de telejornalismo) e Alice-Maria<sup>3</sup> (chefe de redação), sistematizaram algumas normas básicas de redação num pequeno manual para os jornalistas. “Eram seis páginas mimeografadas, que traziam algumas regras sobre como escrever para televisão. O texto ali era considerado um elemento fundamental para a compreensão dos fatos, desempenhando papel que não era secundário” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 46).

Um dos conselhos que Armando e Alice-Maria davam aos repórteres e editores era para que eles “balbuciassem” o texto que iam escrevendo para “sentir” o ritmo e a sonoridade das frases (MEMÓRIA GLOBO, 2004): “Era preciso saber se soava bem na boca do locutor e se seria agradável ao ouvido do telespectador. Se não fluísse bem para a respiração do editor, imaginem para o apresentador.

<sup>1</sup> É necessário que se compreenda que, ao tratarmos de telejornalistas, estamos sempre nos referindo aos jornalistas brasileiros. Nesta pesquisa não fizemos nenhum tipo de levantamento ou análise de como é a fala de jornalistas estrangeiros. Não podemos afirmar que exista uma “cartilha” universal sobre o estilo de fala de telejornalistas e que todos sigam o mesmo modelo. Acreditamos que esse estilo de fala esteja relacionado à cultura de cada país.

<sup>2</sup> Diretor geral nos anos de 1966, 1973-82, 1983-90.

<sup>3</sup> Diretora de Teles nos anos de 1973-82 e diretora executiva nos anos de 1983-90.

Naturalmente essas diretrizes resultavam em períodos mais curtos, no texto distribuído em maior número de frases”. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 47).

Ao escrever para um telejornal, o repórter precisa lembrar que seu texto será lido por várias pessoas que desempenham diversas funções, então sua escrita precisa ser clara para todos. Com o propósito de “normalizar” e facilitar a compreensão da matéria para todos os técnicos que participam da redação do programa, os jornalistas escrevem seu texto num *script*, que é uma lauda “[...] com espaços próprios para todas as informações necessárias que serão usadas na exibição dos programas: marcações técnicas e texto jornalístico.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 117). É ainda pelo *script* que o jornalista e o editor sabem quantos minutos, aproximadamente, a matéria terá. Paternostro (1999, p. 118) explica que “[...] na leitura padrão, cada linha corresponde a ‘um segundo e meio’. Assim, um texto de 10 linhas terá, no ar, pouco menos de 20 segundos”.

PAG	NOTAS	RETRANCA	LOC	tCAB	tVT	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDIT
00	JD	VT	SPO	ABEIVA	VT	0:23	1:00	01:23	BN27	vera	VER	OK MARI
TJ : GN DATA:ter abr 13 19:43 1999 OBS: nota coberta com arte sobre o crescimento da venda de carros importados												
=====												
{{{LOC VIVO}}}			A QUEDA DO DÓLAR ESTÁ AGRADANDO EM CHEIO O IMPORTADORES DE CARROS.// AS VENDAS CRESCERAM MAIS DE SETENTA POR CENTO EM MARÇO.// ISSO DEPOIS DO MERCADO AMARGAR UMA QUEDA BRUSCA NAS VENDAS, DURANTE DOIS MESES DE DESVALORIZAÇÃO DO REAL./OS DADOS SÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS IMPORTADORAS DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, A ABEIVA.//									
{{ RODA VT}}			NO PRIMEIRO TRIMESTRE DESTE ANO AS VENDAS CAÍRAM PELA METADE./ SETE MIL, NOVECIENTOS E SRSSENTA E OITO CARROS IMPORTADOS FORAM VENDIDOS./ NOS PRIMEIROS TRÊS MESES DO ANO PASSADO, A VENDA CHEGOU A TREZE MIL TREZENTOS E OITENTA E TRÊS CARROS.//									
CARROS IMPORTADOS			=====									
Vendas			MAS AGORA COM A QUEDA DO DÓLAR, O MERCADO TOMOU IMPULSO: TRÊS MIL DUZENTOS E SEIS CARROS IMPORTADOS FORAM VENDIDOS EM MARÇO./ EM FEVEREIRO, EM PLENA DESVALORIZAÇÃO DO REAL, SÓ FORAM VENDIDOS MIL OITOCENTOS E SETENTA E QUATRO CARROS.// EM UM MÊS, O AUMENTO DAS VENDAS CHEGOU A SETENTA E TRÊS E MEIO POR CENTO.//									
Primeiro trimestre			=====									
7.968			1999									
13.383			1998									
=====			=====									
CARROS IMPORTADOS			=====									
Vendas/1999			=====									
Março			3.206									
Fevereiro			1.874									
+73,5%			=====									
fonte: ABEIVA			=====									

*Handwritten annotations:*

- cabeça do locutor* (bracketed next to the first text block)
- TEXTO OFF* (bracketed next to the second text block)
- marcações de video* (with arrow pointing to the first text block)
- marcações de audio* (with arrow pointing to the second text block)

Figura 1: Modelo de lauda de texto para telejornalismo

Fonte: Paternostro (1999, p. 120)

Outro autor importante na área de comunicação, Peucer (2004), explica em sua tese que a fala de um jornalista precisa ser clara e concisa. Para o autor, os jornalistas devem “[...] mostrar os fatos claramente e torná-los compreensíveis da maneira mais diáfana, com palavras não obscuras e fora de uso, nem tampouco com palavras próprias dos mercados e dos botecos, de tal modo que a maioria as entenda e que os eruditos as respeitem” (PEUCER, 2004, p. 25).

Para os diretores e editores do Jornal Nacional essa máxima sempre foi levada a sério. Tanto que o texto do Jornal Nacional, “[...] apesar de manter um certo grau de formalidade, sempre buscou um tom coloquial e o fácil entendimento, se afastando da pomposidade que até então caracterizava o telejornalismo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 46).

Com o início do Jornal Nacional, a escrita para um telejornal começou a ser repensada e, com isso, iniciou-se a criação de um “padrão de qualidade”. As frases longas e adjetivadas deram espaço às frases mais curtas, simples, sem muito uso de adjetivos, plurais (para evitar os chiados) e de informações supérfluas, “[...] já que o excesso de detalhes fazia com que o telespectador se esquecesse dos dados essenciais contidos no coração da matéria” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 47). Os sotaques também começaram a ser suavizados para que não comprometessem a compreensão da notícia por parte do telespectador que, naquele momento, já era nacional.

Como vimos, a fala tem uma relevância ímpar para o telejornalismo. Ao longo dos anos, o modo de escrever para o telejornalismo foi se modificando para atender às necessidades da fala dialogada, deixando de lado a leitura oral. Em união a essas mudanças, a prosódia da fala dos jornalistas também mudou. Na próxima seção, veremos como a prosódia contribui para a compreensão de quem assiste a uma reportagem, bem como, pode influenciar na aceitação do fato pelo público.

### 3 PROSÓDIA E TELEJORNALISMO

Falar em telejornalismo é falar necessariamente em prosódia. Uma matéria noticiada sem variação prosódica dificilmente atrairá a atenção do telespectador. Diante disso, precisamos compreender a concepção desse termo.

Dentre as várias descrições do conceito de prosódia, Cagliari em comunicação pessoal à Pacheco (2006) explica que a prosódia é, num sentido mais tradicional, “[...] o estudo da tonicidade ou acento, da entonação/tom e das moras em línguas como o latim” (PACHECO, 2006, p. 44-45). Contudo, o autor completa que, nas diferentes abordagens linguísticas, o termo assumiu outros significados e passou a ser utilizado de modo mais ou menos abrangente.

De acordo com Nooteboom (1997), a palavra prosódia, na fonética, geralmente era utilizada para se referir às propriedades da fala – como tom de voz, duração dos segmentos e das sílabas e a flutuação da intensidade – que vão além da pronúncia segmentar de fonemas derivados da fala. O autor (1997) defende ainda que, além do nível articulatório e acústico, as propriedades de fala atingem o nível perceptual, conduzindo a padrões percebidos de prominenças relativas de sílabas, codificados em aspectos melódicos e rítmicos percebidos da fala (NOOTEBOOM, 1997).

Pacheco (2006, p. 47) completa que “[...] pelo ponto de vista do significado, a prosódia se refere aos fenômenos ligados aos fatos sintáticos, à definição sócio-pragmática, e às características discursivas e para-linguísticas” (PACHECO, 2006, p. 47).

Então, em concordância para com os estudos dos autores supracitados, entendemos que a prosódia está intimamente ligada à comunicação. É a partir dos elementos prosódicos que conseguimos decodificar e compreender a fala do outro, além de perceber outras nuances, como as emoções e as atitudes. Cagliari (2002, p. 43) explica que “[...] os elementos prosódicos servem para ponderar os valores semânticos dos enunciados, sendo uma das formas de que dispõe o falante para dizer ao seu interlocutor como ele deve proceder diante do que ouve”.

Dado que a prosódia é fato importante na comunicação, é de se esperar que, naturalmente, no telejornalismo, a prosódia tenha um papel fundamental. É a partir da utilização da variação de altura, volume, pausa, velocidade de fala que o jornalista dá sentido à notícia, enfatiza a informação relevante, prende a atenção do telespectador e o persuade a crer no que está sendo dito/mostrado.

Então, mais do que simplesmente escolher quais palavras utilizar para compor seu texto, o jornalista também decide que tom vai empregar naquela notícia em especial. Se é uma notícia sobre política, ele observa o grau de seriedade; se é uma notícia trágica, não há lógica em sorrir; mas se é algo relacionado ao esporte, à cultura ou à tecnologia, há uma “permissão” de sorriso e/ou uma postura

menos rígida. Segundo Minchillo (1989 *apud* COTES, 2008, p. 53), “[...] o papel da narração não é apenas informar sobre os acontecimentos, mas mostrá-los de modo a prender nosso interesse. As pausas, quando bem utilizadas podem destacar uma informação e criar expectativa no ouvinte”.

Além das pausas, como já dito anteriormente, a entonação, as ênfases dadas a certas palavras ou frases, a forma de se postar em frente à câmera, os movimentos corporais e faciais dão ritmo à notícia e contribuem para levar o telespectador a prestar atenção no que está sendo dito e comumente a crer que aquela notícia é verdadeira.

Abreu (2009, p.13) complementa que, além da voz, a postura corporal do outro, suas expressões faciais, a maneira como anda, como gesticula e, até mesmo, o modo como se veste nos dão informações preciosas. Esses elementos colaboram não apenas para a compreensão do que se está falando, mas, também, para a persuasão do outro.

A proposição de Abreu (2009) se mostra muito clara se considerarmos a atualização dos telejornais nos últimos anos, na qual a bancada, lugar de onde o âncora lia todas as notícias, deixou de ser obrigatória, permitindo, assim, que o jornalista caminhe pelo cenário utilizando das telas interativas para demonstrar ou complementar uma nota ou uma informação e interagir com os repórteres que aparecem ao vivo.

Assim, percebemos que a prosódia e todas as suas nuances são relevantes para a comunicação de modo geral. No entanto, apesar de reconhecer a importância de todos os parâmetros prosódicos para o ato da fala, compreendemos que, a depender da pergunta da pesquisa, um parâmetro deverá ser estudado mais profundamente que outro e, considerando as necessidades deste trabalho, optamos por analisar a variação da frequência fundamental ( $F_0$ ) dentro de grupos tonais na fala de telejornalistas para que nosso propósito fosse alcançado. Trataremos melhor deles nas próximas seções.

### 3.1 FREQUÊNCIA FUNDAMENTAL

Para enfatizar um trecho de sua narração ou minorar determinadas passagens, o jornalista alterna a altura da frequência fundamental de sua fala. De forma sucinta, a frequência fundamental ( $F_0$ ) é um parâmetro acústico que está relacionado ao número de vezes em que as pregas vocais vibram por segundo, produzindo, assim, perceptualmente, tons mais grave ou mais agudo.

Como já foi exposto por vários autores da área (FRY, 1979; KENT; READ, 2015), a fala é som e o som é composto por ondas sonoras que têm a forma de senóide. Quanto maior o ciclo de uma senóide, menor será a frequência, dessa forma, mais grave será o som. Inversamente, quanto menor o ciclo de uma senóide, maior será a frequência, configurando, então, um som mais agudo.

Então compreendemos que a frequência é resultante do número de ciclos que uma senóide realiza em um segundo. Quanto mais ciclos, maior a frequência e mais agudo é o som, e quanto menos ciclos, menor a frequência e mais grave o som será. Segundo Pacheco (2006, p. 51), normalmente, “[...] os homens, na fala diária, possuem uma variação de frequência fundamental típica, que gira em torno de 80 e 200 Hz; as mulheres entre 180 e 400 Hz”. Por possuírem frequências fundamentais mais baixas que as das mulheres, os homens tendem a ter uma voz mais grave e as mulheres, mais aguda.

Além de nos permitir perceber a altura da voz de uma pessoa, a variação da  $F_0$  também é responsável por dar um ou outro sentido a uma sentença dependendo da curva entoacional, assim como nos permite perceber a ênfase numa determinada informação. É a partir da variação da  $F_0$  que sabemos se uma sentença é uma frase afirmativa ou uma interrogativa, por exemplo. Da mesma maneira, percebemos como e quando a ênfase acontece.

As variações de  $F_0$  podem organizar as palavras em unidade prosódicas maiores, à semelhança de Grupo Tonal, como mostraremos na seção seguinte.

### 3.2 GRUPO TONAL (GT)

O Grupo Tonal, ou simplesmente GT, é a unidade prosódica prevista no modelo de descrição prosódico da entoação desenvolvido por Halliday (1970). Nesse modelo, o autor trabalha dentro de uma perspectiva fonético-fonológica e integra os dois campos a outras áreas da linguística (sintaxe, semântica e pragmática). Inicialmente pensado para descrever o padrão prosódico do inglês, esse modelo foi adaptado por Cagliari (1981) para descrever o sistema entoacional do português brasileiro.

De modo geral, o modelo propõe o grupo tonal como a unidade rítmica entoacional. De acordo com Cagliari (2007, p. 161), “[...] o modelo de Halliday incorpora parte da descrição do ritmo da língua, como base para a descrição entoacional”. Conforme o modelo, o GT é caracterizado por padrões entoacionais, ou tons, contendo um significado estrutural (sintático) e um significado interpretativo (semântico); assim, “[...] a divisão de um texto em GTs tem a ver com a organização de unidades de informação, cuja forma sintática mais típica é a frase” (CAGLIARI, 1992, p. 138).

Pensemos no seguinte exemplo:

//Você vai ver a/**gora**// //o ca/**minho**// //do di/**nheiro**// //da /**corrupção**//<sup>4</sup>.

Nele, temos quatro GTs. No primeiro, //você vai ver a/**gora**//, temos uma sílaba tônica saliente, que é a sílaba em que acontece a mudança mais significativa da curva melódica. A sílaba tônica saliente nessa frase está na sílaba *go*. Então, toda informação que está antes da sílaba tônica saliente é considerada como componente pretônico e toda informação que vem depois engloba o componente tônico.

No segundo GT, //o ca/**minho**//, mais uma vez temos o componente pretônico, toda a informação antes da sílaba tônica saliente *mi*, e o componente tônico *minho*. O mesmo acontece com o outro GT. Coincidentemente, há o componente pretônico que, como explica Cagliari (2007), não é obrigatório, e o componente tônico.

Notamos que todos os GTs contêm todas as especificações descritas por Cagliari: padrões tonais (entoação), com um significado estrutural (sintaxe) e um significado interpretativo (semântica).

Cagliari (2007) ainda explica que um GT pode ser simples ou composto. Sendo simples quando tiver apenas uma sílaba tônica saliente e composto quando tiver duas. É importante lembrar que o GT composto não deve ser confundido com uma sequência de dois GTs. O GT composto tem em si apenas uma unidade de informação e a sequência de GTs carrega unidade de informações diferentes.

O GT como unidade prosódica nos permite compreender a dinâmica da fala do telejornalista ao noticiar um fato. Assim, essa é a unidade prosódica a ser de investigada nesta pesquisa.

## 4 METODOLOGIA

Como este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, utilizamos de parte dos dados e metodologia daquela pesquisa para a construção desta. O propósito desta pesquisa é avaliar acusticamente as características prosódicas dos telejornalistas do *Jornal Nacional* da Rede Globo. Para isso, avaliamos contrastivamente a curva melódica dos âncoras do telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo, com a curva melódica de jornalistas de outras emissoras que disputam o segundo lugar de audiência, segundo as pesquisas do IBOPE, a saber: SBT e Rede Record.

<sup>4</sup> Exemplo nosso.



Buscamos por vídeos de telejornais noturnos, das emissoras SBT e Rede Record, que seguissem o mesmo formato editorial do *Jornal Nacional*, a fim de termos uma base comparativa equivalente, e que fossem exibidos mais ou menos no mesmo período dos meses de maio de 2016 e de 2017. A escolha dessa data se deu por três motivos importantes: primeiro, por conta de um acontecimento de nível nacional que foi noticiado em 18 de maio de 2017, que dizia respeito à delação premiada que o dono do frigorífico JBS fez sobre o então presidente Michel Temer; segundo, por acreditar que, ao escolher a mesma data de exibição para todos os jornais, manteríamos um certo grau de imparcialidade na pesquisa; e terceiro, por considerar que esse recorte nos dá uma boa amostra do que acontece “atualmente” no telejornalismo brasileiro. Dessa forma, obtivemos o seguinte quadro:

<b>Emissoras</b>	<b>Telejornais</b>	<b>Horário de exibição</b>	<b>Telejornalistas</b>
<b>Rede Globo</b>	<i>Jornal Nacional</i> (JN)	20h15	William Bonner Renata Vasconcellos
<b>SBT</b>	<i>Jornal SBT Brasil</i> (SBTB)	19h45	Carlos Nascimento Rachel Sheherazade
<b>Rede Record</b>	<i>Jornal da Record</i> (JR)	21h40	Celso Freitas Adriana Araújo

**Quadro 1:** Seleção dos telejornais e telejornalistas da pesquisa

**Fonte:** Elaboração própria

Após a seleção dos vídeos, extraímos os áudios e, de oitava, selecionamos os Grupos Tonais (GTs) de cada âncora, seguindo, assim, o modelo de Halliday (1970) adaptado por Cagliari (2007).

No Praat, abrimos os arquivos de áudio e extraímos a  $F_0$  no ponto inicial, no ponto medial e no ponto final de cada GT. Optamos por mensurar a  $F_0$  balanceada (ou relativa) e não a absoluta, por não termos controle sobre os aparelhos de recepção e reprodução de voz utilizados pelas emissoras e também porque esse método nos possibilitou saber o quanto a  $F_0$  subia e/ou caía num GT.

Para calcular a variação percentual da  $F_0$  relativa de dado intervalo, adotamos a fórmula  $=((x_2/x_1)-1)$ , na qual  $x_1$  corresponde à  $F_0$  inicial e  $x_2$  corresponde à  $F_0$  final. O cálculo é feito em duas etapas. Na primeira etapa, dividimos  $x_2$  por  $x_1$  ( $x_2/x_1$ ) para encontrar o valor percentual de  $x_2$  em função de  $x_1$ . Na segunda etapa, subtraímos 1 do valor encontrado para alcançarmos o valor percentual referente à variação entre  $x_1$  e  $x_2$ . Feito isto, alteramos o tipo da célula no Excel para porcentagem e obtivemos o valor formatado com duas casas decimais. Por exemplo, se temos na célula inicial o valor de 200Hz e na medial o valor de 180Hz, ao aplicamos a fórmula obtemos a seguinte equação:

$$\begin{aligned}
 &= ((180/200)-1) \\
 &= ((0,9)-1) \\
 &= (0,9-1) \\
 &= -0,1
 \end{aligned}$$

Com a alteração do tipo da célula para porcentagem, seguida do aumento do número de casas decimais para dois dígitos, ficamos com o valor de -10%. Em seguida, o cálculo se repete para o intervalo seguinte, considerando o valor da célula medial como  $x_1$  (no exemplo dado, 180Hz), e da célula final como  $x_2$ .

Após extrair a  $F_0$  relativa, aplicamos o teste ANOVA de Kruskal-Wallis a fim de verificar se os âncoras possuem curvas de  $F_0$  específicas. O teste ANOVA de Kruskal-Wallis é um teste estatístico não linear que visa identificar se há diferença significativa entre as variáveis comparadas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta pesquisa, analisamos a curva de  $F_0$  de cada grupo tonal de cada âncora dos três telejornais supracitados com o intuito de avaliar acusticamente as características prosódicas dos telejornalistas do *Jornal Nacional*, comparando com as características prosódicas dos jornalistas dos telejornais das outras duas emissoras.

Desde já é importante salientar que os dados analisados neste trabalho são referentes ao momento da *chamada* de uma matéria e da *nota*. A *chamada*, no telejornalismo, é uma introdução feita pelos âncoras sobre a notícia que será transmitida e desenrolada pelo repórter e a *nota* é um esclarecimento complementar feito pelo âncora após a conclusão da matéria. Deste modo, pelo fato de tanto a chamada quanto a nota serem feitas num pequeno período de tempo (nos casos analisados variaram de 6 a 35 segundos), o número de GTs encontrados na fala destes profissionais é limitado.

A princípio, buscamos por algum padrão na curva de  $F_0$  dos 69 GTs extraídos das falas dos jornalistas. Na tabela 1, é possível observar o número de subidas e quedas da  $F_0$  dentro de um GT em duas partes: primeiro da frequência inicial para a medial ( $F_0$  i-m) e em seguida da  $F_0$  medial para a final ( $F_0$  m-f).

Nessa tabela, percebemos que a jornalista Renata Vasconcellos produziu 10 GTs durante a sua fala. Desses 10 GTs, da  $F_0$  inicial para a medial, em 7 ela começou num tom baixo e o baixou ainda mais e em 3 iniciou num tom baixo e subiu no final. Da  $F_0$  medial para a final, a apresentadora subiu o tom em 2 GTs e em 8 finalizou com quedas no tom.

Do mesmo modo, se observarmos os GTs da fala de William Bonner, também apresentador do *JN*, notamos a mesma tendência de subidas e quedas na curva de  $F_0$ .

Já em relação aos âncoras do *Jornal SBT Brasil* notamos que, na fala da apresentadora Raquel Sheherazade, há um equilíbrio entre subidas e quedas da  $F_0$ i-m<sup>5</sup> e uma preferência às quedas da  $F_0$ m-f<sup>6</sup>. Verificamos que, dos 8 GTs da apresentadora, no momento da  $F_0$ i-m, em 4 ela inicia com subida e em 4 ela inicia com queda no tom. Já no segundo momento, da  $F_0$ m-f, dos 8 GTs, em 3 a apresentadora sobe o tom e em 5 ela desce.

Já dos 8 GTs extraídos da fala de Carlos Nascimento, o outro apresentador do mesmo telejornal, em 3 GTs ele sobe o tom no momento da  $F_0$  inicial para a medial e em 5 ele desce. Já da  $F_0$  medial para a final, desses 8 GTs, em 6 ele sobe e em 2 ele descende o tom. Ou seja, Nascimento fez mais quedas no momento da  $F_0$ i-m e mais subidas na parte da  $F_0$ m-f.

Neste caso em especial, um ponto a se ressaltar é que coincidentemente os dois âncoras possuem o mesmo número de GTs e isto nos permitiu visualizar comparativamente que não existe um padrão de fala por várias razões. Enquanto Sheherazade “equilibra” o início dos GTs entre subidas e quedas, conforme a tabela 1, Nascimento, ao que parece, prefere as quedas. Já do meio para o final, Sheherazade opta mais pela queda, enquanto Nascimento prefere a subida do tom. Percebemos assim, que enquanto os âncoras do *JN* reproduziam um padrão semelhante nas subidas e quedas, os âncoras do *SBTB* não seguiam nenhum padrão entre si.

Por fim, ao observarmos a alteração entre subidas e quedas dos âncoras do *JR* (ainda na tabela 1), notamos que do mesmo modo que acontece com os jornalistas da Globo e do SBT, em alguns GTs os jornalistas do *Jornal da Record* também fazem uma grande variação com a subida e descida de tom.

Notamos, ainda, que enquanto Adriana Araújo faz mais subidas da  $F_0$ i-m (dos 14 GTs analisados da  $F_0$ i-m, em 11 ela sobe o tom e em 3 ela desce o tom), Celso Freitas opta pelas quedas (dos 5 GTs, em 2 ele sobe o tom e em 3 ele desce). Já da  $F_0$ m-f, os dois âncoras preferem terminar com quedas (Araújo com 9 quedas e Freitas com 4).

<sup>5</sup>  $F_0$ i-m: frequência inicial para a medial.

<sup>6</sup>  $F_0$ m-f: frequência medial para a final.

Âncoras 2016-2017		F <sub>0</sub> inicial para a medial		F <sub>0</sub> medial para a final		Total de GTs
		Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
JN	Renata Vasconcellos	3 (30%)	7 (70%)	2 (20%)	8 (80%)	10 (100%)
	William Bonner	9 (37%)	15 (63%)	7 (29%)	17 (71%)	24 (100%)
SBTB	Rachel Sheherazade	4 (50%)	4 (50%)	3 (37%)	5 (63%)	8 (100%)
	Carlos Nascimento	3 (37%)	5 (63%)	6 (75%)	2 (25%)	8 (100%)
JR	Adriana Araújo	11 (79%)	3 (21%)	5 (36%)	9 (64%)	14 (100%)
	Celso Freitas	2 (40%)	3 (60%)	1 (20%)	4 (80%)	5 (100%)

**Tabela 1:** Número de subidas e quedas das F<sub>0</sub> dentro de grupos tonais da F<sub>0</sub>i-m e da F<sub>0</sub>m-f dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 1, verificamos que, apesar da variabilidade das subidas e quedas das F<sub>0</sub>, existe uma preferência tonal entre os jornalistas do JN, como já explicado anteriormente. Há uma relação proporcional entre a fala dos âncoras tanto na subida, quanto nas quedas. Relação esta que não fica visível na fala dos âncoras das outras duas emissoras.

No caso dos âncoras do *SBT Brasil*, no momento da F<sub>0</sub> inicial para a medial, Sheherazade equilibra as subidas e quedas de tom, ao passo que Nascimento prefere as quedas às subidas. Já no momento da F<sub>0</sub> medial para a final ocorre o contrário: enquanto Sheherazade opta pelas quedas, Nascimento prefere as subidas no tom.

No caso dos âncoras dos *JR*, notamos que enquanto na fala de Araújo há maior tendência de subida de tom da curva inicial para a medial, na fala de Freitas há tendência de quedas. Já no momento da F<sub>0</sub> medial para a final, há, em ambos os âncoras, a tendência de finalizar com quedas de tom.

Em relação à quantidade de quedas do tom da F<sub>0</sub> medial para a final, nossa hipótese é de que talvez essa tendência em finalizar os GTs com quedas esteja relacionada ao padrão entoacional do português brasileiro. Contudo, apesar de relevantes, essas questões não serão aprofundadas neste estudo por não comporem o escopo deste trabalho.

Na tabela 1, pudemos observar o número de subidas e quedas da F<sub>0</sub> dentro de um GT em duas partes: primeiro da frequência inicial para a medial e em seguida da frequência medial para a final. Agora, na tabela 2, vamos analisar a relação entre subidas e quedas da F<sub>0</sub> i-m para a F<sub>0</sub> m-f dentro de cada GT.

É visível que nenhum jornalista segue um padrão de variação. Por vezes, eles iniciam os GTs com subidas, em outros, já começam alto e descem o tom. Analisemos mais de perto o caso dos âncoras do JN:

Vasconcellos divide sua fala em 10 grupos tonais. Dentre as quedas e subidas de tom, ela sobe o tom (no momento da F<sub>0</sub> inicial para a medial) para depois descer (da F<sub>0</sub> medial para a final) 3 vezes, o que equivale a 30% das variações. Por 2 vezes (20%), ela começa com o tom alto (da F<sub>0</sub> i-m), cai e finaliza com subida (no ponto da F<sub>0</sub> m-f). Nos outros 5 GTs (50%), ela começa alto e desce o tom (da F<sub>0</sub>

i-m) e, no momento da F0 m-f, ela finaliza com outra queda. Nos casos analisados, a jornalista não faz nenhuma subida de tom para finalizar com outra ascensão.

Já Bonner (ver tabela 2) divide sua fala em 24 GTs. Em 33% deles, o jornalista começa com uma subida (F0 i-m) e finaliza com quedas de tom (F0 m-f), enquanto que em 25% acontece o contrário: inicia com queda e finaliza com subida. Bonner ainda apresenta 1 GT (4%) que inicia subindo e finaliza com outra subida e 9 GTs (38%) que iniciam e finalizam com quedas de tom.

Âncoras 2016-2017		F0 i-m para a F0 m-f	F0 i-m para a F0 m-f	F0 i-m para a F0 m-f	F0 i-m para a F0 m-f	Total de Grupos Tonais
		Subidas e Quedas	Quedas e subidas	Subida e subida	Quedas e Quedas	
JN	Renata Vasconcellos	3 vezes (30%)	2 vezes (20%)	0 vezes (0%)	5 vezes (50%)	10 (100%)
	William Bonner	8 vezes (33%)	6 vezes (25%)	1 vez (4%)	9 vezes (38%)	24 (100%)
SBTB	Rachel Sheherazade	3 vezes (38%)	2 vezes (25%)	1 vez (13%)	2 vezes (25%)	8 (100%)
	Carlos Nascimento	2 vezes (25%)	5 vezes (63%)	1 vezes (12%)	0 vezes (0%)	8 (100%)
JR	Adriana Araújo	8 vezes (58%)	2 vezes (14%)	3 vezes (21%)	1 vez (7%)	14 (100%)
	Celso Freitas	2 vezes (40%)	1 vez (20%)	0 vezes (0%)	2 vezes (40%)	5 (100%)

**Tabela 2:** Número de subidas e quedas das F0 dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record

**Fonte:** Elaboração própria

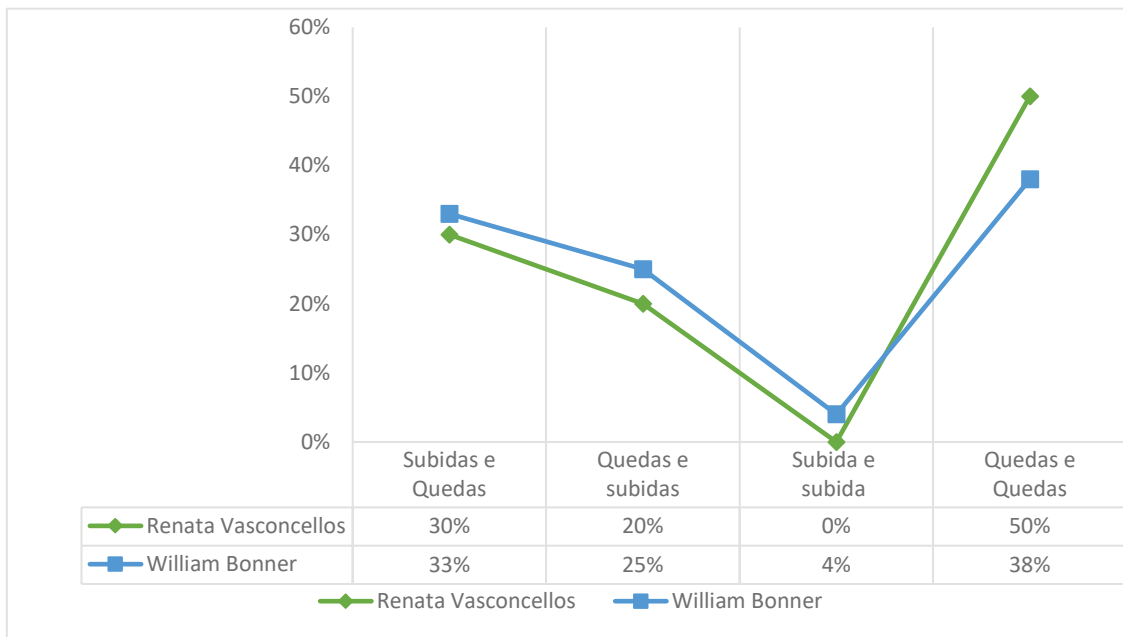
Contudo, mesmo com toda essa variação entre a fala dos dois âncoras, notamos uma relação proporcional entre as subidas e quedas da F0. Observando com mais cuidado, notamos ainda que os dois âncoras, proporcionalmente, seguem variações parecidas. No gráfico 1, podemos observar melhor essa relação.

Já no caso dos jornalistas das outras duas emissoras, não é visível uma relação de proporcionalidade entre as variações. Ao observarmos o caso dos jornalistas do *SBT Brasil*, por exemplo, notamos que Sheherazade perpassa por todos os tipos de variações, quase equilibradamente. Já seu colega de bancada, Nascimento, apresenta uma maior produção na variação de quedas e subidas.

Em relação aos jornalistas do *Jornal da Record*, notamos que Araújo apesar de perpassar por todas as variações tonais, tende a produzir mais GTs com o tom baixo, elevar até a porção medial e finalizar com queda. Já Freitas produz as variações de subida seguida de queda e de queda seguida por outra queda, equilibradamente. De acordo como os dados da tabela, Celso Freitas não produz a variação de subida seguida por outra subida.

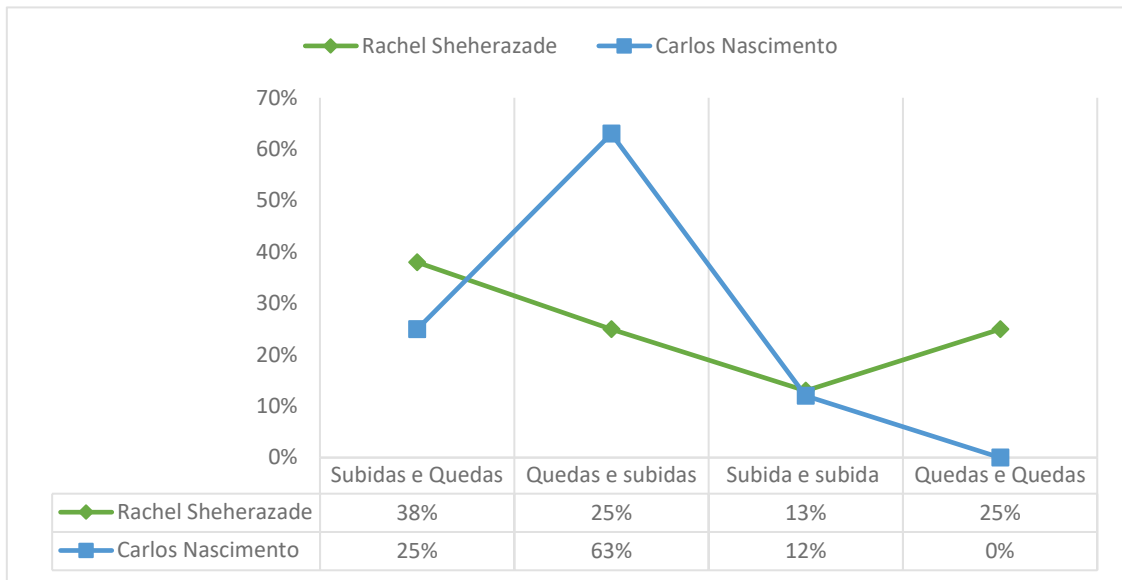
Observemos os dados nos gráficos para melhor visualizarmos o que acontece com as variações dos âncoras das três emissoras.

No gráfico 1, temos a variação proporcional dos GTs dos âncoras do *Jornal Nacional*. Nele, notamos que a porcentagem entre as subidas e quedas de tom são muito próximas, o que evidencia que os dois âncoras seguem o mesmo “trajeto” de variação.

**Gráfico 1:** Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal Nacional

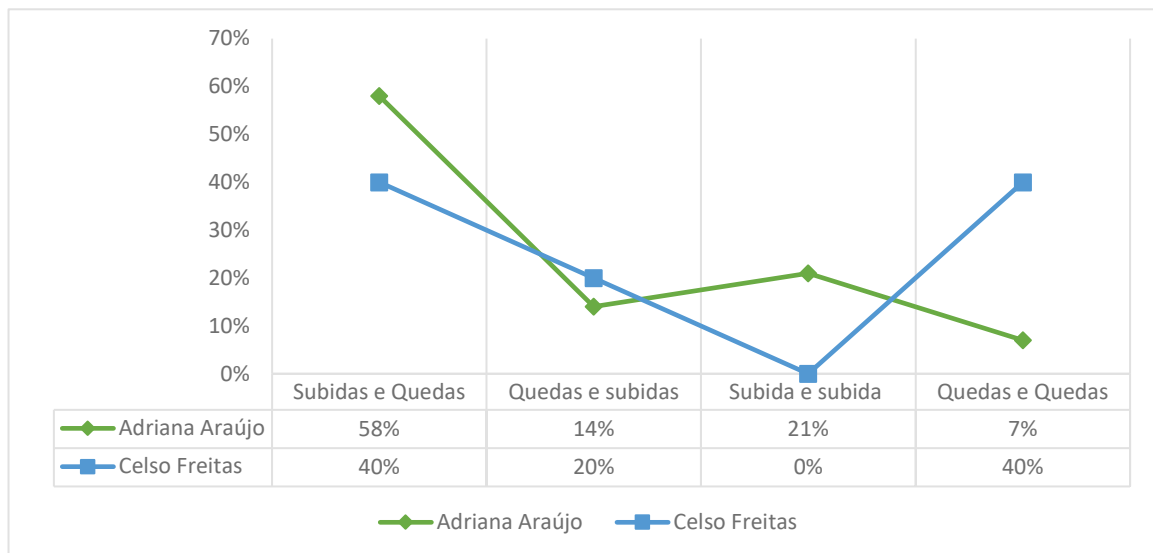
Fonte: Elaboração própria

Observemos, no gráfico 2, o caso dos âncoras do *SBT Brasil*. Nele, notamos uma maior diferença entre a variação entoacional. Enquanto Sheherazade balanceia mais as subidas e quedas, respectivamente, nos GTs, Nascimento faz menos tal variação, preferindo, nessa ordem, as quedas e subidas dentro dos GTs.

**Gráfico 2:** Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do SBT Brasil.

Fonte: Elaboração própria

Por fim, com os âncoras do *Jornal da Record*, notamos a diferença entre a variação entoacional dos dois jornalistas. Enquanto Adriana Araújo prefere iniciar os GTs com subidas e finalizar com quedas, Celso Freitas prefere iniciar a maior parte dos GTs (67%) com quedas e finalizar com outra queda. Observemos o gráfico 3:

**Gráfico 3:** Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal da Record.

Fonte: Elaboração própria

É importante salientar ainda que esses resultados foram observados considerando apenas a natureza geral dos GTs, sem considerar as informações individuais de cada GT<sup>7</sup>.

Além de tentar identificar algum padrão na variação da  $F_0$  dos jornalistas, também procuramos identificar algum tipo de diferença significativa entre a frequência fundamental inicial/medial para a medial/final. Para isso, aplicamos o teste estatístico ANOVA de Kruskal-wallis. Os resultados (Tabela 3) nos mostram que não há diferença significativa entre as variáveis.

Âncoras 2016-2017		F0 relativa: média i-m (%)	F0 relativa: média m-f (%)	Valor de p
JN	Renata Vasconcellos (2016-2017)	0.43	-15.58	p = 0.1509 <sup>ns</sup>
	William Bonner (2016-2017)	-3.11	-6.45	p = 0.4333 <sup>ns</sup>
SBTB	Rachel Sheherazade (2016-2017)	-0.46	-1.88	p = 0.5286 <sup>ns</sup>
	Carlos Nascimento (2017)	-11.87	11.46	p = 0.1722 <sup>ns</sup>
JR	Adriana Araújo (2016-2017)	18.32	3.90	p = 0.1681 <sup>ns</sup>
	Celso Freitas (2016-2017)	-5.74%	-26.20%	p = 0.7540 <sup>ns</sup>

OBS: *s* = Significativo para  $p < 0,05$

*ns* = não significativo para  $p < 0,05$

**Tabela 3:** Kruskal-Wallis da fala dos âncoras dos telejornais do JN, SBTB e JR e seus respectivos valores de p

**Fonte:** Elaboração própria

Os resultados do teste nos mostram que não existe diferença significativa entre a  $F_{0i-m}$  e a  $F_{0m-f}$ . Em outras palavras, outros fatores, que não os prosódicos, influenciam a variação da curva da frequência. Considerando estes resultados e a própria natureza do Jornalismo, compreendemos que o telejornalista varia o tom de modo a enfatizar determinadas parcelas de informação consideradas, por ele mesmo, como importante e que o favoreça em sua função de persuadir o telespectador.

Após observar os valores das tabelas e dos gráficos, nos fica claro que, apesar da variação existente na fala dos telejornalistas do *Jornal Nacional*, eles seguem uma espécie de “tendência de fala”. A variação existente e a mudança de tom, conforme a necessidade de enfatizar uma informação percebida como relevante para a notícia, segue uma candência, que não é observada no caso dos jornalistas das outras emissoras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados dos dados, vimos comparativamente que os jornalistas do *Jornal Nacional* aqui analisados apresentam uma preferência de produção de tons descendentes. Já os âncoras do *SBT Brasil* se dividem entre a produção de subidas e quedas e quedas e subidas. E os jornalistas do *Jornal da Record* produzem mais a variação de subidas e quedas.

Ainda de acordo com os resultados, os testes estatísticos apontaram para a não existência de um padrão tonal entre as  $F_{0i-m}$  e  $F_{0m-f}$  na fala dos jornalistas das emissoras observadas. Notamos assim que, embora os jornalistas variem a frequência ao longo dos GTs de forma arbitrária e mudem o tom de acordo com a necessidade de enfatizar alguma informação, os jornalistas do *Jornal Nacional*

<sup>7</sup> Pretendemos aprofundar esse estudo em trabalhos futuros.

apresentam uma relação proporcional entre as subidas e quedas de tom, relação inexistente no caso dos outros jornalistas, como observamos nas tabelas 1 e 2 e nos gráficos 1, 2 e 3.

Considerando esses resultados iniciais e a própria natureza do jornalismo, julgamos que o telejornalista priorize enfatizar determinadas parcelas de informação que favoreçam seu discurso, em detrimento de seguir um padrão tonal possivelmente estabelecido. Assim, em nossos próximos estudos, analisaremos as informações existentes em cada GT e observaremos se o tipo de informação influencia no tipo de variação desse GT e se há diferenças entre o modo de transmitir a notícia pelos jornalistas de uma mesma emissora e de emissoras diferentes. Nossa hipótese é a de que a informação contida em cada GT influencia na escolha de sua variação.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar gerenciando a razão e emoção*. 13. ed. São Paulo: Ateliê Edições, 2009.

AZEREDO, M. I. P.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. A persuasão no telejornalismo: um estudo fonético. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 9., 2017, Vitória da Conquista. Anais dos Seminários de Pesquisa em Estudos Linguísticos. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2017, p. 309-313. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/view/7662>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BASTOS, R.; GONZALES, R. *Decompondo o Telejornalismo*. Apostila para o Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiladas da Rede Globo de Televisão. Campo Grande: maio, 1988.

BONORA, M. Sotaque x telejornalismo. In: KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. *Fonoaudiologia e Telejornalismo*. Editora Revinter, Rio de Janeiro: 2004. p. 81-93.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 137-151, jul./dez., 1992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636850/4571>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

COTES, C. S. G. *O estudo dos gestos vocais e corporais no telejornalismo brasileiro*. 2008. 200 f. Tese – (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

CUNHA, A. A. da. *Telejornalismo*. São Paulo: Atlas, 1990.

FRY, D. B. *The Physics of Speech Cambridge Textbooks in Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

JORNAL DA RECORD 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=socevm66erE&index=365&list=PLPGY2Y0KCCl6HdygGTT'ZW--rwzQ0mxDr3>. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL DA RECORD. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=socevm66erE&index=365&list=PLPGY2Y0KCCl6HdygGTT'ZW--rwzQ0mxDr3>. Acesso em: 1 jun. 2017.



JORNAL DA RECORD. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2YZ9oi1q10&t=815s>. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL NACIONAL. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/05/18.html>. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL NACIONAL. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/05/18.html>. Acesso em: 1 jun. 2017.

KENT, R. D.; READ, C. *Análise acústica da fala*. Trad. Alexsandro Rodrigues Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

MATTOS, S. A evolução história da televisão brasileira. In: VIZEU, A.; PORCELLO F.; COUTINHO, I. *60 anos de telejornalismo no Brasil – história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010. p 23-55.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MINCHILLO, C. A.; CABRAL, I. *A narração*. 5.ed. São Paulo: Atual, 1989.

NOOTEBOOM, S. The prosody of speech: melody and rhythm. In: HARDCASTLE, W.; LAVER, J. GIBBON, F. (org.). *The Handbook of Phonetic Sciences*, Utrecht: Utdallas.Edu, 1997. p. 640-673. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Sieb\\_Nooteboom/publication/46675980\\_The\\_prosody\\_of\\_speech\\_Melody\\_and\\_rhythm/links/00b4952e050278514b000000/The-prosody-of-speech-Melody-and-rhythm.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Sieb_Nooteboom/publication/46675980_The_prosody_of_speech_Melody_and_rhythm/links/00b4952e050278514b000000/The-prosody-of-speech-Melody-and-rhythm.pdf) Acesso em: 5 jul. 2017.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro*. 2006 Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

PARTENOSTRO, V. Í. *O texto na TV: Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 1, n. 2, p. 13-29, 2004.

REDE GLOBO. *Princípios e Valores da TV Globo no Vídeo*. Disponível em: [http://estatico.redeglobo.globo.com/2013/06/03/Principios\\_e\\_Valores\\_da\\_TV\\_Globo\\_no\\_Video.pdf](http://estatico.redeglobo.globo.com/2013/06/03/Principios_e_Valores_da_TV_Globo_no_Video.pdf) Acesso em: 15 mai. 2017.

REINIGER, A. M. História da fonoaudiologia no telejornalismo. In: KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 200. p. 1-3.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo. In: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L. FEIJÓ D. (org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 1-18.

SBT BRASIL 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-wp5GbAWcl8/Pílula-do-cancer-a-polêmica-em-torno-da-substância.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SBT BRASIL 2017. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/noticias/90122/Michel-Temer-teria-dado-aval-para-compra-de-silencio-de-Eduardo-Cunha.htm>. Acesso em: 24 ago. 2017.

YORKE, I. *Jornalismo diante das câmeras*. São Paulo: Summus, 1998.



Recebido em 05/04/2020. Aceito em 22/11/2021.